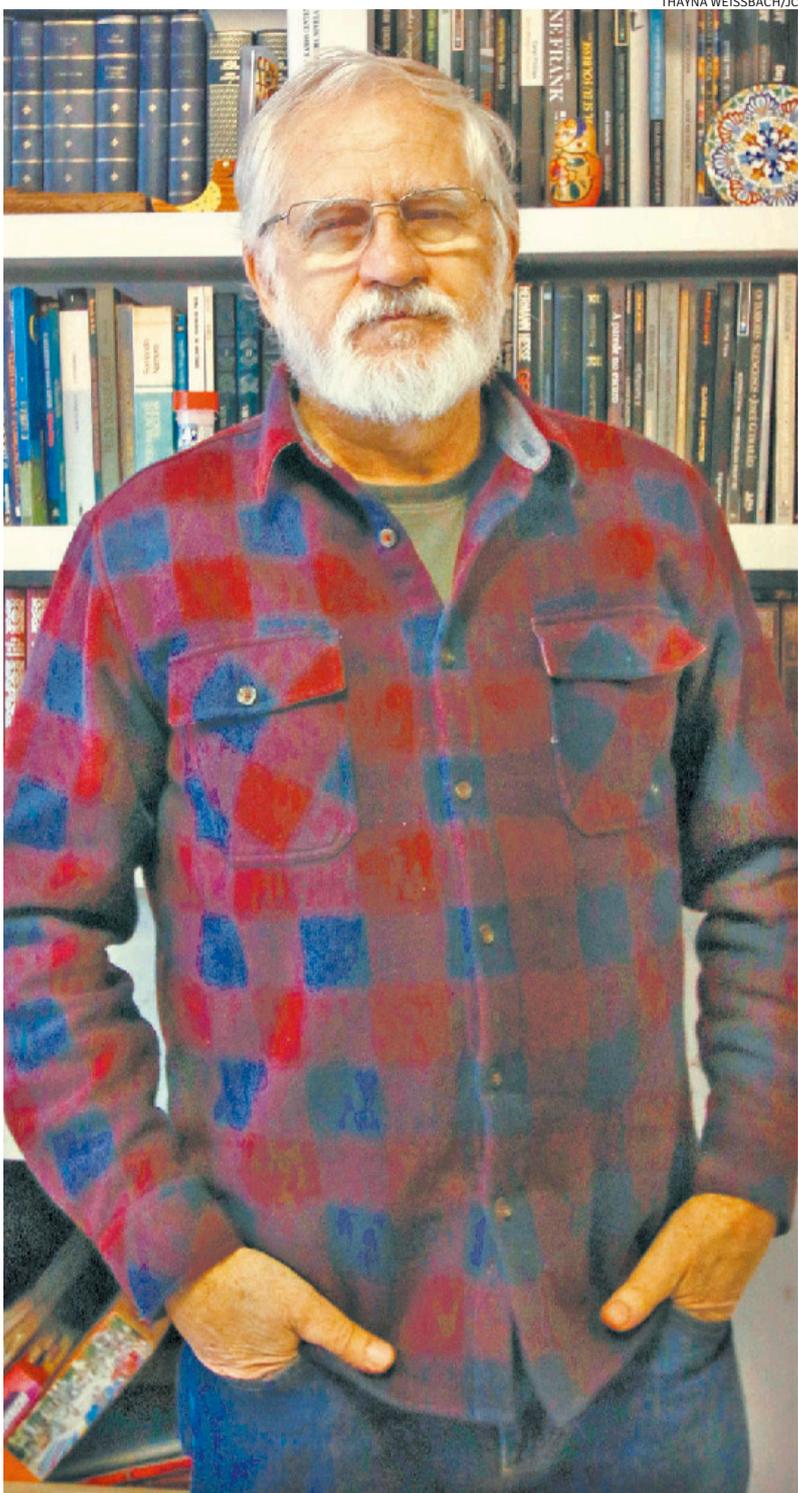


reportagem cultural



Charles Kiefer: “Na literatura, eu espero que seja esquecido”

Uma oficina democrática

Rafael Gloria, especial para o JC *

Charles Kiefer também ficou conhecido por manter uma oficina de escrita em que se abordava as nuances do trabalho literário, analisava-se textos de autores consolidados e os participantes liam e comentavam as produções uns dos outros. Atualmente, há muitas iniciativas desse tipo, mas, no fim do século passado, a oferta era muito menor.

A oficina também publicava livros. “Eu tive muitos alunos. Lembro quando publicamos o *101 que contam* lá no Opinião. Nós fechamos para o lançamento. Vendemos nessa noite 980 exemplares. Estimo que passaram cerca de 5 mil pessoas lá, entre convidados e interessados. Teve peça de teatro, banda, e ficamos até de madrugada vendendo livro”, conta. Ao total, foram cinco obras lançadas nesse formato, com os textos dos alunos.

Ele conta que volta e meia procura na internet para ver se encontra algum exemplar, mas a maioria está esgotada. “É algo que, para um autor novo, é importante. E eu criei um padrão que, segundo alguns, destruiu a literatura do Rio Grande do Sul”, diz. Perguntando o porquê, ele diz que, na seleção dos contos para as antologias, não havia exatamente um julgamento. “Quem estabelecia o juízo era o próprio autor: se a pessoa quisesse publicar, publicava. Então, tem contos ruins nesses cinco volumes. Mas criei um sistema super democrático. Quem

decidia se publicava ou não era o aluno. E aí me criticaram muito. Porque a qualidade era muito desparelha. Tinha contos maravilhosos e outros ruins. Mas a ideia era essa. Era a pessoa ter o nome na capa”, explica.

A escritora Monique Revillion, vencedora do Açorianos de Literatura na categoria Contos, é uma das autoras que participou durante muito tempo das oficinas. “Foram tempos ótimos. O Charles costumava ser rigoroso, mas era um privilégio contar com a franqueza, generosidade, experiência e vasto conhecimento dele. Sempre foi muito enriquecedor sentir ‘ao vivo’ como o texto era recebido e como impactava cada um, perceber seu ritmo, ver evidenciadas suas qualidades e defeitos.”

Para sua escrita, ela acredita que foi uma experiência fundamental. “E nesse processo de também escutar, refletir e formar opiniões sobre os textos alheios crescíamos juntos, era uma intensa troca e aprendizagem. Ali, aprendemos especialmente a humildade, eu creio, que escrever exige trabalho, retrabalho, esforço, renúncias, um caminho de muita leitura, reflexão e estudo”, aponta. Monique tem muitas saudades daquela época, principalmente na fase em que a oficina aconteceu na Palavraria, importante espaço literário e cultural de Porto Alegre, que fechou suas portas em 2016.

O escritor e editor Paulo Tedesco conta que Kiefer foi muito importante em sua trajetória, tan-

to que acabou até se envolvendo nos livros lançados pela oficina. “Acabei indo para a editora Nova Prova e com o tempo assumindo também a gestão das obras *101, 102 que contam* etc. Portanto, posso dizer que a oficina também me ajudou muito na formação como editor, à medida que me aproximou da gráfica e também me mostrou o outro lado do autor.”

Atualmente, Tedesco toca a Consultora Editorial e é com ela que lançou o livro *Geração CK 2000*, que traz textos de 17 autores que passaram pelo curso. “Na maioria são contos inéditos, alguma poesia. Foi legal, nos reunimos e levou quase um ano entre esperar a entrega dos textos e todo o resto do trabalho. No fim, consegui dar a volta e foi um sucesso, vendemos bastante, está praticamente esgotado e já encaminhei uma nova tiragem para posicionar o livro”, diz.

Charles Kiefer revela que ficou contente com a homenagem. “Eu tenho um carinho muito grande por todo mundo que me acompanhou naquela época. Quando o Paulo me procurou, eu disse que não fazia o menor sentido. Na primeira hora eu recusei. Conversando com a Marta, mudei de ideia. Não pelo livro, não pelos textos, mas pelos alunos. É o jeito deles se reencontrarem. Mas uma coisa eu avisei: eu não ia no lançamento. Eles queriam que eu fosse. Acho que a Marta foi e me representou. É uma época da minha vida que já não faz mais sentido”, comenta.

Leituras e influências

No final de 2023, o Instituto Estadual do Livro (IEL) lançou novos fascículos da série digital *Escritores Gaúchos*, e um deles homenageia Charles Kiefer, trazendo fotos, entrevistas e trechos de obras que resgatam a sua trajetória. Entre os relatos estão os de autores como Antônio Hohlfeldt, Paulo Nascimento e Altair Martins. O livretinho digital está disponível para *download* gratuito no site da instituição.

Kiefer diz que não acompanha a literatura contemporânea brasileira. “Eu não leio mais ficção. Mas leio poesia e leio biografias de escritores, de místicos, de santos, de políticos. E muito livro de teoria cabalística. A minha biblioteca tem quase 10 mil exemplares de livros do Kabbalah e eu não li a maior parte deles. É difícil conseguir esses livros, além de caros”, revela. No momento dessa entrevista, ele

estava lendo *O Último Cabalista de Lisboa*, de Richard Zimler.

Mesmo afastado da área, ele não esconde a admiração por escritores e períodos literários. “O Altair Martins para mim é o melhor escritor do Brasil, em matéria de texto, de arte literária. Outro que também é um gigante é o Sérgio Faraco. Daqueles escritores que tem o famoso *tour de force*. Tudo bem, devem ter escritores por aí que eu não conheço e que devem ser bons, mas eu não acompanho e portanto não posso falar.”

Charles Kiefer foi, durante muito tempo, professor do curso de Letras e da pós-graduação da Pucrs, lecionando e orientando pesquisas na área da teoria da literatura e da escrita criativa. E ele sabe como o trabalho da universidade foi e é uma referência na área no Brasil. Kiefer teve também uma passagem

pela Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, na qual estudou Escrita Criativa. “Eu sou fã da literatura americana, especialmente daqueles escritores e contistas. Fiz uma tese de doutorado sobre isso. Aqueles contistas que vão de 1820 até 1870. Que escritores maravilhosos. O Poe. O Hawthorne. A literatura norte-americana do século XVIII, XIX e XX até os anos 1960”, enumera.

O escritor e professor do curso de Letras da Pucrs, Arthur Telló, conta que Kiefer participou de sua banca de mestrado, tanto na qualificação como na defesa, também na mesma instituição. “E ele foi muito generoso e ajudou muito na história que eu estava escrevendo. Ele até foi sincero: disse que não estava achando ela muito bem escrita, mas tinha gostado dos protagonistas e da tensão. Então

eu consegui terminar aquele livro graças às sugestões dele”, conta. Telló considera *O Pêndulo do Relógio* (que ganhou o Jabuti em 1985) a melhor obra de Kiefer. “É uma novela ligeira, muito bem escrita, forte e tensa, acho que é uma das melhores obras do gênero novela da literatura brasileira.”

Reginaldo Pujol, autor de *Não, não é bem isso* e *Só faltou o título* e doutor em Escrita Criativa, foi aluno de Kiefer entre 2002 e 2011. “Charles é uma influência decisiva na minha carreira e na vida. Citar todos os marcos aqui seria impossível. Mas os dois primeiros anos de oficina foram uma espécie de alfabetização literária, aprender a ler com profundidade os textos de colegas, os livros que eram indicados, os livros que descobria. Charles viu um escritor em mim antes que eu visse”, revela.

Ele conhecia a obra de Kiefer por ler no colégio o *Quem faz gemer a terra*, que lhe chamou muito a atenção. “Eu tinha sido testemunha (infantil) dos eventos que inspiraram o livro. Eu estudava no Colégio Seigné, a duas quadras da Praça da Matriz, a duas ou três quadras de onde houve o confronto entre o agricultor e o policial militar. E depois fui ler esse livro que, na época, eu não tinha ferramentas para dimensionar, mas que, mais tarde, fui reler, pensando no gesto radical que foi, na sociedade gaúcha, conservadora e patrimonialista como ela, propor uma novela que assume o ponto de vista do agricultor sem-terra”, aponta. Pujol também salienta que o trabalho ensaístico e teórico de Kiefer também devem ser mencionados, principalmente as obras *Para ser escritor* e *A poética do conto*.